LA RÉGENCE
CAFÉ RESTAURANT
PLACE DU THÉATRE FRANÇAIS
161-163, Rue Saint-Honoré

TÉLÉPHONE
PARIS, PROVINCE ÉTRANGER
239-58

115-4-76

PARIS-25
29 AVE
29-3
13
R DANTON

Monsieur

Fernando Pessoa.

24, rua de Passos Manuel = 3.º esquerdo.

=Portugal= Lisbonne

BIBLIOTECA NACIONAL

29/3/13

LISBOA
-14.13.1-8M
CENTRAL

115-4-77

LA RÉGENCE
CAFÉ RESTAURANT
PLACE DU THÉATRE FRANÇAIS
161-163, Rue Saint-Honoré

TÉLÉPHONE
PARIS. PROVINCE ÉTRANGER
239-58

Paris - março de 1913
Dia 29

Meu querido amigo,

Envio-lhe juntamente o "Bailado", que conclui ontem. Peço-lhe, é sabido, a sua opinião inteira sobre êle. Como vê, trata-se mais duma poesia do que de um trecho de prosa. Mas em escritos como estes o ritmo parece-me imprescindivel pois ajuda muito a sugestão. Empreguei mesmo em certos pedaços uma rima longinqua para dar a harmonia que existe nos passos da dansa. Ha partes que me agradam e - sobretudo - o final onde passa a ideia perturbante do "já visto" dada longinquamente como longinqua é essa ideia, chamando por netimo

BIBLIOTECA NACIONAL

1154-77a

a "saudade transmigradora" para fixar o instante.

Emfim, você dirá o que pensa. Produções como esta julgo que mesmo com algum valor, pouco gente, pouquissimo, as "aceitará" (não digo apreciará; digo aceitará) Que lhe parece a você? Mas isso é coisa secundaria se o valor existe.

Rogo-lhe pois que, o mais brevemente possivel me envie a sua opinião detalhada destacando as coisas que lhe não agradam e frisando as partes que lhe agradem mais. Peço-lhe desculpa por estas continuas estopadas. Mas você perdoará, atendendo a que eu aqui, conhecendo tanta gente, vivo isolado. Coisa horrivel! Vivo isolado, falando a mesma gente. Isto é q̄ l'horrivel, porq̄ no isolamento ainda acho doçura. Quando chegar a Lisboa

nem você calcula a alegria com que o abraçarei a si e mais uma meia duzia de amigos, intelectuais e não intelectuais, exclamando

– Emfim, um homem!...

Como o arabe sedento ao descobrir emfim um oasis!...

Só lhe poderia fazer empreender bem isto estabelecendo a "fiche" de cada um dos individuos com quem eu aqui trato. Chiça! que colecção!... (desculpe o "chiça", mas é o unico termo que exprime sinteticamente a multidão de coisas que sobre os meus "amigos" de cá eu quereria gritar...

Emfim...

Nada lhe tenho a dizer – só por curiosidade isto: do meu livro venderam-se até hoje em Lisboa 91 exemplares

e na provincia 120 (não havendo ainda noticias de todas as partes). Para o nosso meio atendendo ainda á pouca propaganda e á má epoca de publicação e á ignorancia do nome do autor não é de todo mau. Curioso isto de se venderem mais livros na provincia q̃ na capital. Coisa aliás que sempre succede conforme na livraria a viseram ao meu pai.

E ponto final.

Não deixe pois de me dizer tudo quanto pensa ácerca do Bailado e o mais brevemente possivel

De novo muitos perdões.

E um grande abraço.

o seu m.to amigo
m.to obrigado

Sá Carneiro

É claro q̃ pode mostrar o bailado a quem entender, visto ver coisa feita

Uma verdadeira tortura na disposição das frases do bailado. Você pode e me mesmo indicar mudanças sobre este ponto.

115-4-78

= Bailado =

1.

Tudo horizonte... só horizonte...

- - - - - - - - - - - - - - - - - - -

Puido branco de silencio...
O horizonte é forma que procia!

Poseram na minha febre compressas
de madrugada...

Agua fria! Agua fria!

~~~

Como o silencio range e tine... e tine... em
listas d'ouro fustigante, serpentinas...

Efemero ouro que se volve em labareda a ferver...

BIBLIOTECA NACIONAL
~~~

II

Apoteose!
Cisnes de brasa em mar de som, arfam
o mar zebradamente...

O mar é um seio a vibrar...
(E o seio golfa endoidecido).

O riente! O riente!

Lá longe ha elmos...
Singram castelos de miragem...
Ascendem espiras... Vertiginam helices...
Grifam-se timbres de cristal...

... E o mar sossobra em luz que sente...

(Luz singular!
É luz que eu oiço!...)

... A bruma inspira-me, vidente,
que toda a côr tem direcção!...

A maravilha vincou-me! A maravilpa vincou-me!...

115-4-79 III

2.

A grande esfinge platinada, da luz do sol faz sombra ungida...

Desce-me a alma...

... Agora é noite perdida de mudo azul e longe intenso...

Retinem perfumes dum país longínquo...
Em volta da esfinge tudo é incerteza...
Alisman-se garras...
Sepultam-se gumes...
E quebram-se espadas...

. . . . . .

De súbito esvai-se um meteoro a silvar...

. . . . . .

BIBLIOTECA NACIONAL

Olha o carro do triunfo ascendendo o Capitólio...

Olha o rastro leonino...

Olha o clarim da vitoria...

Olha o bargantim real...

~~Olha a oo~~ . . . . . .

Olha a ogiva... olha o pórtico...

Olha a cruz da Catedral...

. . . . . .

(- Aonde pasma a grande fera?
- A fera já não ilude).

Em jorros de asas a crescer, alteia-se o orgão santo...

115-4-80 V.

O altar-mór vibra de lindo...
O turibulo inunda o som...

Nossa Senhora da Côr!

A nave sagra-se em ansia...
Ergue-se o cálice-auréola...
E a hostia da comunhão comunga nos
seios doidos...

- -

O Imperador foi coroado! O Imperador foi coroado!...

3.

Guinchos de luz...
— Luz maquilada —
Asas perdidas no Sol-posto...

... Depois é tudo paz e os ramos de palmeira,
baloiçam joiramente a musica e o ar...

BIBLIOTECA NACIONAL

Oasis...
Laivos fugazes...
Madeixas insidiosas...

4.

Lá volta o oiro fustigante, todo tigrado de orgulho...

A chama subtilisa-me e o crepusculo é um espelho...

(Victoria!
O gelo não me condensa!)

. . . . . .

Longinquamente vermelho, vem-me um ressaibo a combate...

Nevoeiro... nevoeiro...
Baptismo de dôr - Astral...

. . . . . .

...E a niblina começa a encrespar-se em flócos...

115-4-81 VII

A niblina volteia...
A niblina é caudal...

A niblina não oculta! A niblina desvenda!...

5.

Indícios de alma lá longe sobre o oiro fustigante...
Mãos postas... Ressurreição...

- - - - - - - - - - - - - - - - -

E agora desço a escadaria toda a ascender
em além-sombra...
Mas a descida só me exalça...
Sou eu, um-Só, e difusão!

- - - - - - - - - - - - - - - - -

Numa incerta nostalgia,
Tenho saudades de mim —
Reminiscências d'Aonde.

BIBLIOTECA NACIONAL

VIII

Pressinto um grande intervalo...
Deliro todas as côres...
Vivo em roxo e morro em ouro!...

. . . . . .

Mas ai, o sonho é real: exprimo-me em nitidez! E como existe... passou...

. . . . . .

. . . . . .

— Banda de transmigradora, vem fixar-me o instante!

. . . . . .

A minha alma é sonora! A minha alma é sonora!...

Paris - março de 1913

Mario de Sá-Carneiro

115-4-82

= O Homem dos Sonhos =

a Fernando Pessoa.

Nunca soube o seu nome. Julgo que era russo, mas não tenho a certeza. Conheci-o em Paris, num Chartier gorduroso do Boul'Mich', nos meus tempos de estudante falido de medicina.

Todas as tardes jantávamos à mesma mesa, de forma que um dia entabolámos conversa.

Era um espírito original e interessantíssimo; tinha opiniões bizarras, ideias estranhas — como estranhas eram as suas palavras, extravagantes os seus gestos. Aquêle homem parecia-me um mistério. Não me enganara, soube-o mais tarde: era um homem feliz. Não estou divagando: era um homem inteiramente feliz — tão feliz que nada lhe poderia aniquilar a sua felicidade. E eu costumo dizer até aos meus amigos que o facto mais singular da minha vida é ter conhecido um homem feliz.

O mistério, penetrei-o uma noite de chuva — uma

BIBLIOTECA NACIONAL

noite muito densa, frigidissima. Eu começara amaldiçoando a vida, e, num tom que lhe não era habitual, o meu homem apoiou:

«— Tem razão, muita razão! É uma coisa horrível esta vida — tão horrível que se não pode tornar bela! Olhe um homem que tenha tudo: saúde, dinheiro, gloria e amor. É-lhe impossivel desejar mais porque possue tudo quanto de formoso existe. Atingiu a máxima ventura e é um desgraçado. Pois ha lá desgraça maior do que a impossibilidade de desejar!...

«E creia que não é preciso muito para chegarmos a tamanha miseria. A vida, no fundo, contem tão poucas coisas, é tão pouco variada... Olhe, em todos os campos. Diga-me: ainda se não enjoou das comidas que lhe servem desde que nasceu? Enjoou-se, é fatal; mas nunca as recusou porque é um homem, e não pode nem sabe dominar a vida. Chame os mais hábeis cozinheiros. Todos lhe darão legumes e carnes — meia duzia de especies vegetais, meia duzia de especies animais. Mesmo, na terra, o que não fôr animal ou vegetal, é sempre duvida mineral... Eis o que demonstra bem a penuria inconcebivel da natureza!

«E quanto aos sentimentos? Descubra-me algum que,

BIBLIOTECA NACIONAL

no fim de contas, se não reduza a qualquer destes dois: amor ou odio. E as sensações? Duas tambem: alegria e dôr. Decididamente, na vida, anda tudo aos pares, como os sexos. A proposito: conhece alguma coisa mais desoladora do que isto de só haver dois sexos?

«Ellas voltando ao campo material. Arranje-me um divertimento que não seja a religião, a arte, o teatro ou o esporte. Não me arranja, asseguro-lhe.

«Com certeza o que existe de melhor na vida é o movimento porque, caminhando com uma velocidade igual á do tempo, no-lo faz esquecer. Um comboio em marcha é uma máquina de devorar instantes — por isso a coisa mais bela que os homens inventaram.

«Viajar, é viver o movimento. Mas, ao cabo de pouco viajarmos, a mesma sensação da monotinidade terrestre nos assalta, hocejantemente nos assalta. Por toda a banda, o mesmo scenario, os mesmos accessorios — montanhas ou planicies, mares ou pradarias e florestas — as mesmas côres: azul, verde e sépia; e, nas regiões polares, a brancura exgante, ilimitada, expressão-ultima da monotonidade. Eu tive um amigo que se suicidou por lhe ser impossivel conhecer outras côres, outras paisagens, alem das que existem. E eu,

BIBLIOTECA NACIONAL

no seu caso, teria feito o mesmo".

Sorri, ironicamente observando:

- Não o fez contudo...

- Ah! mas por quem me toma?... Eu conheço outras côres, conheço outros panoramas. Eu conheço o que quero! Eu tenho o que quero!

Fulgoraram-lhe os estranhos olhos azuis; chegou mais para mim e gritou:

- Eu não sou como os outros. Eu sou feliz, entenda bem, sou feliz!

Era tão singular a sua atitude, tão especial o tom da sua voz, que julguei estar ouvindo um louco, e senti um desejo infinito de pôr termo à conversa. Mas não havia pretexto. Tive que ficar, e, a partir deste momento, o homem bizarro, sem se deter um instante, fez-me a seguinte admiravel confissão:

«- É bem certo. Eu sou feliz. Nunca disse a ninguem o meu segredo. Mas hoje, não sei porquê, vou-lho contar a si. Ah! supunha nesse caso que eu vivia a vida?... Triste ideia fez de mim! Julguei que me tivesse em melhor conta. Se a vivesse, ha muito já que teria morrido dela. O meu orgulho é indomavel, e o maior veneno que existe é viver a vida. Não me

canso de lho gritar: a vida humana é uma coisa impossível — sem variedade, sem originalidade. Eu comparo-o à lista dum restaurante aonde os pratos são sempre os mesmos, com o mesmo aspecto, o mesmo sabor...

«Pois bem! Eu consegui variar a existência — mas varia-lá quotidianamente. Eu não tenho só tudo quanto existe — porquê? — eu tenho também tudo quanto não existe. (Aliás, apenas o que não existe é belo). Eu vivo horas que nunca ninguém viveu, horas feitas por mim, sentimentos criados por mim, voluptuosidades só minhas — e viajo em países longínquos, em nações misteriosas que existem para mim, não porque as descobrisse, mas porque as edifiquei. Porque eu edifico tudo. Um dia hei de mesmo erguer o ideal — não obtê-lo, muito mais: construí-lo. E já o entrevejo fantástico... e todo esguio... todo esguio... a extinguir-se em altura azul... esculpido em vitória... resplandecendo oiro... oiro não, mas um metal mais áureo do que o ouro...

«De resto, é evidente, faltam-me as palavras para lho exprimir as coisas maravilhosas que não existem... Ah! o ideal... o ideal... Vou sonhá-lo esta noite... Porque é sonhando que eu vivo tudo. Compreende? Eu

BIBLIOTECA NACIONAL

115-876

dominei os sonhos. Sonho o que quero. Vivo o que quero.

« As viagens maravilhosas que tenho feito! Vou-lhe contar algumas... A mais bela é esta, porque foi a mais temível:

« Eu estava farto de luz. Todos os países que percorria, todos os cenários que contemplara, inundava-os a luz do dia, e, á noite, a das estrelas. Ah! que impressão enervante me causava essa luz eterna, essa luz enfadonha, sempre a mesma, sempre tirando o mistério ás coisas... Assim parti para uma terra ignorada, perdida em um mundo extra-real onde as cidades e as florestas existem perpetuamente mergulhadas na mais densa treva... Não ha palavras que traduzam a belleza que experimentei nessa região singular. Porque eu via as trevas. A sua intelligencia não ~~comprehende~~ concebe isto, decerto, nem a de ninguem...

« Era uma capital immensa... os boulevards rasgavam-se extensissimos, sempre ascendendo, ladeados por grandes arvores; a multidão pejava-os girando silenciosa, e os veículos — os trens, os grandes omnibus, os automoveis — rodavam isocronamente num clangor soturno. E todo aquêle silencio se resumia em musica.

BIBLIOTECA NACIONAL

11h 4-88 7.

Ah! que estranho calafrio de medo me varou delicioso e novo o corpo dispersado! Em face dos meus olhos abria-se uma vida misteriosa, enfim, porque a luz não a iluminava!... Espectaculo soberbo e pavoroso! Eu via a trevas!... Eu via a trevas!... No recanto duma rua perdida encontrei dois amantes a morderem-se nas bôcas. Vi, como deviam ser grandiosos aqueles beijos profundos na suprema negrura das trevas densissimas!... Mais longe assisti a uma scena de sangue: cruzaram-se estiletes, houve gritos de dôr... Nunca vivi um momento mais temivel do que esse... E pelos arrebaldes, os vinhedos carregados de frutos, os trigais maduros, as ceara e os pomares que o vento balanceava... toda a vida, em suma, toda a vida, na escuridão impenetravel!... Que triunfo! Que triunfo!...

"Gloria maior foi talvez a que atingi na minha viagem a um mundo perfeito onde os sexos não são dois só... Pude ver labirintos de corpos entrelaçados a possuirem-se numa cadeia de espasmos continuos, sucessivos e actuais, que se prolongavam uns pelos outros em fuga distendida... Infinito! Infinito! Era, realmente era, o cantico aureolal da carne,

BIBLIOTECA NACIONAL

a partitura sublime da voluptuosidade que formam todos esses sexos diferentes vibrando em turbilhões... A vida a deslizar em ondas... a vida a deslizar em ondas!...

«Narrar-lhe todas as minhas viagens seria impossível. No entanto quero-lhe falar ainda doutro país.

«Que estranho país esse... Todo duma côr que lhe não posso descrever porque não existe — duma côr que não era côr. E eis no que residia justamente a sua beleza suprema. A atmosfera deste mundo, não a constituia o ar nem outro gás nenhum — não era atmosfera, era música. Nesse país respirava-se música. Mas o que havia de mais bizarro era a humanidade que o povoava. Tinha alma e corpo como a gente da terra. Entanto o que era visível, o que era definido e real — era a alma. Os corpos eram invisíveis, desconhecidos e misteriosos como invisíveis, misteriosas e desconhecidas são as nossas almas. Talvez nem sequer existissem, da mesma forma que as nossas almas talvez não existam também...

«Ah! que sensações divinas vivi nesse país... O meu espírito ampliou-se... Tive a noção de perceber o incompreensível... Hei-de talvez lá voltar um dia, a esse país sem igual, a esse país

BIBLIOTECA NACIONAL

8º Alma...

« Em suma, meu amigo, eu viajo o que desejo. Para mim ha sempre novos panoramas. Se quero montanhas, escuso de ir á Suissa; parto para outras regiões onde as montanhas são mais altas, os glaciares mais resplandecentes. Ha para mim uma infinidade de scenarios montanhosos, todos diversos, como ha tambem mares que não são mares e extensões vastissimas que não são montes nem planicies, que são qualquer coisa mais bella, mais alta ou mais plana — emfim, mais sensivel! O mundo para mim ultrapassou-se: é universo, mas um universo que augmenta sem cessar, que sem cessar se alarga. Quer dizer; não é mesmo universo: é mais alguma coisa.

« No circulo espiritual, tambem para mim não ha barreiras; e tenho sentido alem do amor e do odio, outros sentimentos que lhe não posso definir, é claro, porque só eu os vivo, não havendo assim a possibilidade de lhos fazer entender nem por palavras, nem por comparação. Sou eu o unico homem que esses sentimentos emocionam. Logo, seria desnecessario ter uma voz que os

traduzisse, visto que a ninguem a poderia comunicar. Aliás o mesmo acontece com as horas mais belas que tenho vivido. Só lhe posso dizer as que de longe se assemelham ás da vida e que por isso exactamente são as menos admiraveis.

« Agora passo-lhe a esboçar algumas voluptuosidades novas.

« Um côrpo de mulher é sem duvida uma coisa maravilhosa; a posse dum côrpo esplendido, todo nu, é um prazer quasi extra-humano, quasi de sonho. Ah! o misterio fulvo dos seios esmagados, a escorrer em beijos, e as suas pontas loiras que nos roçam a carne em extases de marmore... as pernas nervosas, aceradas — vibrações longinquas de orgia imperial... os labios que foram esculpidos para ferir de amor... os dentes que rangem e grifam nos espasmos ~~ilimitados~~ de alem... Sim, ó belo; tudo isso é muito belo! Mas o lamentavel é que poucas formas ha de possuir toda essa beleza. Emmarenheem-se os corpos contorcidamente, haja beijos de ansia em toda a carne, o sangue corra até... Por fim, sempre os dois sexos se acariciarão, se entrelaçarão, se devorarão — e tudo acabará em um espasmo

BIBLIOTECA NACIONAL

que ha de ser sempre o mesmo, visto que reside sempre nos mesmos orgãos!...

"Pois bem! Eu tenho possuido mulheres de mil outras maneiras, tenho delirado outros espasmos que residem noutros orgãos.

"Ah! Como é delicioso possuir com a vista... A nossa carne não toca, nem de leve, a carne da amante nua. Os nossos olhos, só os nossos olhos, é que lhe sugam a bôca e lhe trincam os seios... Um rio escaldante se nos precipita pelas veias, os nossos nervos tremem todos como as cordas duma lira, os cabelos sentem, dilatam-se-nos os musculos... e os olhos, de longe, vendo, vão exaurindo toda a beleza, até que por fim a vista se nos amplia, o nosso côrpo inteiro vê, um estremeção nos sacode e um espasmo ilimitado, um espasmo de sombra, nos divide a carne em ansia ultrapassada... Atingimos o gozo máximo. Possuimos um côrpo de mulher só com a vista. Possuimos fisicamente, mas imaterialmente, como tambem se pode amar com as almas. Neste caso são mais doces, mais serenos, mas não menos deliciosos, os espasmos que nos abismam.

"Ha ainda uma outra voluptuosidade que, por

BIBLIOTECA NACIONAL

interessante, lhe desejo esboçar: É a posse total dum corpo de mulher que sabe unicamente a um seio que se esmaga.

« Enfim, meu amigo, compreenda-me: Eu sou feliz porque tenho tudo quanto quero e porque nunca exgotarei aquilo que posso querer. Consegui tornar infinito o universo - que todos chamam infinito », mas que é para todos um campo estreito e bem murado ».

Houve um grande silencio. Pelo meu cerebro ia um tufão silvando, e as imagens fantasticas que o desconhecido me evocara - redopiantes, pareciam querer no entanto definir-se em traços mais reais. Mas logo que estavam prestes a fixar-se, desfaziam-se como bolas de sabão...

O homem disse ainda:

- A vida é um lugar comum. Eu soube evitar esse lugar comum. Eis tudo.

E mandou vir absinto.

Estive dois dias sem o ver. Quando o encontrei

BIBLIOTECA NACIONAL

de novo à mesa do restaurante, notei uma expressão diferente no seu rosto. Confessou-me:

— Já conheço o ideal. No fim de contas é menos belo do que imaginava. E o meu amigo que tem feito?

Pusémo-nos a falar de banalidades. Eu quis levar ainda a conversa para a sua vida sonhada mas todos os meus esforços permaneceram inúteis!

Saímos. Acompanhou-me até casa. Deu-me as boas-noites. Depois, nunca mais o vi.

• • •

Largo tempo meditei no homem estranho; meses e meses a sua recordação me obcecou perturbadoramente. Quis também fruir o segredo do dominador dos sonhos. Mas em vão. Não o consegui nunca imperar, e tive de renunciar à quimera doirada.

Desde aí, a minha loucura foi toda ela de esparsir luz, ainda que só luz crepuscular, sobre o mistério admirável.

E um dia finalmente, um dia de triunfo, apresentei a verdade

BIBLIOTECA NACIONAL

Que vinha a ser aquêle homem? Segredo! Segredo! E eu dêle ignorara sempre tudo. Muita vez me acompanhou a minha casa – e eu jámais conhecera onde fosse a sua casa! Afigurara-se-me russo; porem não mo dissera nunca.

Alto, extremamente alto e magro. Grandes cabelos encrespados, dum loiro triste, fugitivo; e os seus olhos fantasticos de azul, com certeza os olhos mais estranhos que me iluminaram algum dia. Só os posso evocar nesta inseverencia: eram dum brilho fulgurante – mas não brilhavam.

A sua voz de calafrio, ressoando abafada e sonora, parecia vir duma garganta falsa que não existisse no seu côrpo. Quando se erguia e caminhava, os seus passos ágeis, silenciosos, longos, davam a impressão total de que os seus pés, em marcha aerea, não repousavam no solo: a sua marcha era indecisa – e eis aqui o mais bizarro – como indecisas e brumosas igualmente eram as suas feições. Os seus traços fisionomicos dir-se-iam inconstantes, sendo quasi impossivel abrange-los em conjunto: um grande pintor teria uma real dificuldade em fixar na tela o rosto movel do homem dos sonhos.

BIBLIOTECA NACIONAL

Quem longas horas o tivesse na sua frente, não o ficava entanto conhecendo: aquêle rosto fugitivo não se aprendia em longas horas.

Emfim, da sua fisionomia, do seu andar, dos seus gestos, da sua voz, ressaltava esta impressão: o desconhecido era uma criatura de bruma, indefinida e vaga, irreal... Uma criatura de sonho! — passou-me esta idéia pelo espirito como um relampago de claridade. Sim, o meu homem era perfeitamente comparavel ás personagens que nos surgem nos sonhos e que nós, de manhã, por maiores esforços que empreguemos, não conseguimos reproduzir inteiramente materialisadas porque nos faltam pormenores do seu desenho: se os olhos nos lembram, esquecem-nos a expressão da bôca, se sabemos a côr extranha dos cabelos, fugiu-nos o tom fantastico dos olhos. Em summa, é-nos impossivel reconstruir o conjunto da personagem indecisa que entrevimos sonhando. As suas feições escapam-nos — tal como escapavam as feições do homem bizarro.

Queria dizer: o desconhecido maravilhoso era uma figura de sonho — e entretanto uma figura real.

Mas foi precisamente quando, envaidecido, eu suscitara já esta longinqua claridade, que o regredo admiravel se me volveu em idéia fixa. Temi quasi endoidecer, e não sei o que teria sido do

BIBLIOTECA NACIONAL

Mss 9716.

meu pobre cerebro que a asa do mistério roçara – se por fim não conseguisse mergulhar mais fundo o abismo azul:

Se o homem dos sonhos era uma figura de sonho, mas, ao mesmo tempo, uma criatura real – havia de viver uma vida real. A nossa vida, a minha vida, a vida de todos nós? Impossível. A essa existencia odiosa êle confessára-me não poder resistir. Demais, nessa existencia – a sua atitude era a duma figura de sonho. Sim, duma ~~figura~~ criatura irreal, indecisa; de feições irreais e indecisas. Logo, o desconhecido maravilhoso não vivia a nossa vida. Mas se a não vivia e entretanto surgia vagamente nela, é porque a sonhava.

E eis como eu pude entrever o infinito: O homem estranho sonhara a vida, vivia o sonho. Nós vivemos o que existe – as coisas belas só temos força para as sonhar. Emquanto que êle não. Êle derrubara a realidade, condenando-a ao sonho. E vivia o irreal.

Poeira a ascender quimerisada...
Asas d'ouro! Asas d'ouro!...

Paris = março de 1913.

(Do livro de sonhos "Além",
a sair no outono).

Mário de Sá-Carneiro

BIBLIOTECA NACIONAL